

# **Arquivos jornalísticos: impressões de uma memória**

*Fábio Ronaldo da Silva\**, *Rodrigo Lima Nunes\*\**

*Rosilene Dias Montenegro\*\*\**

## **Resumo**

O presente trabalho é resultado parcial do projeto de pesquisa: “Organização e Preservação da Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande”. Por realizarmos a pesquisa em arquivos jornalísticos, exibiremos, através de um videodocumentário, a importância que os arquivos jornalísticos possuem para a manutenção e preservação da memória de uma cidade. Para tanto, capturamos imagens do “Diário da Borborema”, “Jornal da Paraíba”, e do jornal “A União” e realizamos entrevistas com os responsáveis pelos arquivos das respectivas empresas que falaram da importância dos mesmos, pois ajudam na constituição e preservação da memória de um povo. O documentário mostrará ainda, fatos que ocorreram na cidade de Campina Grande e que foram registrados apenas por jornais, evidenciando que, além de um meio de comunicação, os jornais são fontes de pesquisa e documentos históricos.

**Palavras-chave:** arquivo jornalístico, memória, cidade

O presente trabalho é resultado parcial do projeto de pesquisa: “Organização e Preservação da Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande-PB”. Recebe apoio do CNPq, e da Universidade Federal de Campina Grande, por meio do Programa Gestão Universitário, que está financiando cinco bolsas de iniciação científica.

O projeto pretende, inicialmente, localizar, reunir, organizar as fontes documentais escritas, bem como recolher depoimentos orais dos sujeitos que participaram do esforço pioneiro e contínuo da produção de conhecimento científico e tecnológico no âmbito da antiga Escola Politécnica, desde sua criação até os dias atuais, transformada em CCT (Centro de Ciência e Tecnologia), da Universidade Federal de Campina Grande.

O objetivo mais amplo é, uma vez reunido e organizado o acervo da memória da Ciência e Tecnologia do Centro de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Campina Grande; realizar a organização e preservação de documentos e depoimentos referentes à história da produção científica e tecnológica nos demais centros da UFCG, localizados em Campina Grande: Centro de Humanidades e Centro de Ciências Biológicas e da Saúde; e por fim, a organização do acervo documental referente as demais instituições que trabalham com pesquisa e desenvolvimento de tecnologia na cidade, como a Universidade Estadual da Paraíba (antiga Universidade Regional do Nordeste) e o Centro Nacional de Pesquisa do Algodão (CNPq/ EMBRAPA), entre outras.

A cidade de Campina Grande possui uma memória fragmentada, o que dificulta a montagem do mosaico que sempre possui novas peças para serem inseridas. O mais difícil é quando as peças encontram-se em situações precárias e/ou quase que somente na memória daquelas pessoas que ajudaram na construção desse grande quebra-cabeça, sempre inconclusos. Além da História Oral, podemos citar também os arquivos jornalísticos que, desde o momento em que esses jornais são fundados, registram fatos do dia-a-dia que constituem a memória e história da cidade.

Em seu primeiro ano de funcionamento, o Projeto Memória tem como objetivo resgatar a história da Escola Politécnica de Campina Grande, criada em setembro de 1952. Para isso, utilizamos, dentre outros meios, os arquivos jornalísticos existentes na cidade para resgatar a história desta instituição. Todavia, esses jornais não guardam apenas a história da Escola Politécnica, mas também de todos os fatos políticos, sociais, esportivos etc., que aconteceram e ainda acontecem. Entretanto, é necessário que esses arquivos jornalísticos sejam preservados para que a memória, já fragmentada, não desapareça completamente.

Podemos primeiramente indagar: como o historiador chega aos fatos históricos? Por meio de livros, exemplificados nas crônicas publicadas, geralmente retratos da época em que foram escritas (para a História do Brasil tiveram grande importância não só as legadas por cronistas portugueses, como de outras nacionalidades: franceses, holandeses, alemães, entre outros). E muitas vezes esquecemos dos documentos escritos e, o que geralmente é mais excluído da memória, os jornais. Talvez esse esquecimento se deva pelo fato de que a imprensa, no Brasil, só surgiu em 1808, com a chegada da Corte portuguesa fugindo das tropas francesas.

A massa de informações contidas em um arquivo só tem utilidade quando instrumentos de pesquisa que permitam o acesso a ela sejam difundidos aos usuários. Instrumentos de pesquisa objetivam localizar e disponibilizar, em diferentes graus e amplitudes, o conteúdo informacional do documento, bem como de fundos e coleções existentes nas instituições. Os instrumentos de pesquisa são o elo entre os documentos procurados e o usuário. Até recentemente, a função de um arquivo restringia-se ao recolhimento do documento, guarda e produção de instrumentos de pesquisa (guias, inventários, catálogos, listas, repertórios). Seu público alvo era o pesquisador de universidade e instituição e/ou organização voltada para pesquisa. Com a democratização do acesso à informação, além desta função tradicional, o profissional de arquivo passou a atender ainda a sociedade de uma maneira geral, que ao

solicitar documento e/ou informação, exigia agilidade na recuperação e divulgação deste documento e/ou informação.

O acelerado crescimento das novas tecnologias suscita algumas indagações entre a utilização das redes mundiais de informação e a disponibilidade da informação nas mesmas. Os avanços da tecnologia abrem novas possibilidades de difusão da informação. Novos desafios são postos aos profissionais de arquivo, vez que os usuários clamam por aumento da acessibilidade frente à mundialização dos mercados. Porém, vale ressaltar, cabe sempre ao profissional de arquivo, através do desenvolvimento de métodos e técnicas de trabalho arquivístico, adotar critérios e procedimentos de como esta informação deverá chegar ao usuário.

Reúnem-se os fatos para isso. Vão aos arquivos, estes sótãos dos fatos. Aí, basta abaixar-se para recolher. Cestadas cheias. Pousam-se em cima da mesa. Faz-se o que fazem as crianças quando brincam com “cubos” e trabalhamos para eles. O jogo está acabado, a história está feita. Assim via os documentos, há alguns anos passados, Lucien Febvre (1995), o criador da chamada Escola Nova na interpretação da História.

O estudioso da História seleciona os documentos que lhe falam de alguma coisa, trabalho hoje facilitado pelos avanços tecnológicos, substituindo a cópia manual que tanto o absorvia. O celeiro do pesquisador é o arquivo. Há anos passados, o arquivo era entendido como simples depósito de velhos papéis. Todavia, isso ainda acontece com os arquivos jornalísticos. Podemos citar, como exemplo, o jornal *A União* (o mais antigo que se encontra em circulação na Paraíba. O periódico foi fundado em 1892) que tem grande parte dos seus exemplares entulhados em caixas e muitos fora destas e jogados no chão, correndo o risco de ser facilmente deteriorados pela umidade, traças, etc.

Sabemos que os arquivos, sejam estes jornalísticos ou não, são instituições vocacionadas para a custódia, conservação e comunicação da documentação, ou notícias, acumulada ao longo dos tempos. Podemos afirmar, ainda, que os arquivos constituem

uma parcela significativa da memória de um país ou de um povo, e que salvaguardam os direitos legais do Estado, das instituições e das pessoas. São eles que, através dos seus documentos, preservam os testemunhos da trajetória da evolução dos Estados e das suas comunidades, registrando elementos sobre a sua formação, o seu desenvolvimento, ou a sua decadência.

A produção de textos jornalísticos envolve, em primeira instância, a compreensão de textos-fonte, sejam eles falados ou escritos. O jornalista convive no seu dia-a-dia com massas de informações as mais diversas, mas necessita compreendê-las para que consiga produzir textos claros e precisos. No entanto, a complexidade inerente ao processo de compreensão nem sempre permite que se apreenda o sentido dos textos em sua totalidade, o que pode explicar muitas das alterações/deturpações de conteúdo identificadas nas matérias veiculadas pela imprensa. Dascal (s.d.:1) observa: “Pode-se compreender uma enunciação ou um texto mais ou menos superficialmente, com maior ou menor profundidade, mas jamais se pode dizer que se alcançou uma compreensão global e completa do texto”.

O autor encara a compreensão muito mais como um processo de aproximação gradual do sentido do que como uma questão de tudo ou nada, de sim ou não. Em artigo sobre a compreensão na interação verbal, Gomes (1986) cita Locke para destacar a “imprecisão das palavras” como um fator que dificulta a compreensão completa dos enunciados.

Nunca sabemos, argumenta Locke, se as idéias que significamos por meio de certas palavras são iguais as que nossos ouvintes significam com as mesmas palavras. Conseqüentemente, nunca podemos ter certeza que nossos ouvintes recebem os pensamentos que queremos transmitir com nossos enunciados.

Posição semelhante tem Gumperz (1982), quando diz que qualquer enunciado pode ser interpretado de várias formas.

Mas ele acrescenta a importância das “pistas de contextualização” na compreensão de enunciados durante as interações. Dascal e Weizman (1987) também enfocam a relevância do contexto na interpretação de textos ao postularem que, em geral, o leitor/ouvinte acha-se exposto a uma “base de dados” lingüística que, acoplada ao contexto, permite ao destinatário chegar à interpretação.

Seguindo essa linha de pensamento, Marcuschi (1989) assinala:

Compreender um texto é mais do que compreender todos os itens lexicais que o compõem; é mais do que compreender cada sentença isoladamente; é mais do que apenas extrair informações. Compreender um texto não é apenas operar com base nos materiais lingüísticos.

Importa destacar, pois, que a compreensão requer diferentes tipos de conhecimento. Ou seja, para entendermos textos, orais ou escritos, são ativados tanto os conhecimentos lingüísticos quanto os conhecimentos de mundo. Compreender, portanto, não é uma simples tarefa de decifrar ou decodificar informações inscritas no texto de forma objetiva, pois em geral “[...]os fenômenos que ocorrem na compreensão são muito mais uma atividade de relação de vários elementos do que a extração de uma informação objetiva. Com isto, compreender é inferir” (MARCUSCHI, 1989).

Esses arquivos servem, ainda, como fonte de informação para trabalhos, sejam ou não acadêmicos. Quanto mais solicitados, investigados e divulgados forem os documentos de arquivo (sendo uma fonte histórica, os jornais também podem ser tidos como documentos), tanto mais conhecidos serão e, conseqüentemente, mais valorizado será o patrimônio arquivístico.

No entanto, sabemos que o atributo de valorizar o patrimônio arquivístico levanta algumas restrições de comunicabilidade, que podem ser de ordem física ou intelectual. Relativamente às restrições de ordem física, temos por lei a determinação de que a comunicabilidade da documentação terá de ter em conta as limitações decorrentes dos imperativos da conservação das espécies.

Assim, os documentos em mau estado de conservação, cujo manuseamento poderá pôr em risco a sua integridade física, deverão, sempre que possível, ser sujeitos a intervenções de restauro, e, posteriormente, submetidos a operações de transferência de suporte (microfilmagem, fotografia ou digitalização). Deste modo, a informação contida nesses documentos passará a estar disponível, para consulta, no novo suporte, enquanto o original ficará salvaguardado.

O desenvolvimento das comunicações, acontecido a partir dos meados do século passado, vem mostrando a necessidade de valorizar os arquivos. Hoje eles se tornaram imprescindíveis, daí sua moderna conceituação: unidade administrativa, cuja função é a de reunir, ordenar, selecionar, guardar e dispor, para uso, conjunto de documentos, segundo os princípios e técnicas arquivísticas. Em decorrência, o arquivista não será apenas o conservador de velhos papéis, mas também o que orienta o pesquisador na busca de uma determinada documentação segundo os interesses de sua pesquisa.

## **Notas**

\* Formado em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Graduando em História pela Universidade Federal da Paraíba.

\*\* Universidade Federal da Paraíba.

\*\*\* Doutora em História pela UNICAMP, professora do departamento de História e Geografia do Centro de Humanidades da Universidade Federal da Paraíba, orientadora do projeto.

## **Referências bibliográficas**

BAHIA, Juarez. **Jornalismo, Informação Comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

BARRETO, A. de A. **A informação e o Cotidiano Urbano**. Rio de Janeiro, Ibict/Eco, 1991.

DASCAL, Marcelo. **Dez Maneiras de Ser Incompreendido** (e algumas sugestões para evitá-las) . (mimeo), s.d, 19 p.

FEBVRE, Lucien. Combats por L histoire. In SCHAFF, Adam. **História e Verdade**. São Paulo, Martins Fontes, 1995, 239 p.

GUMPERZ, John. **Discourse Strategies**. Cambridge, Cambridge University Press, 1982.

HABERMAS, J. **Conhecimento e Interesse**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MARCUSCHI, Luiz A. **Da Fala para a Escrita**. Recife, (mimeo), 1993, 26 p.

MARCUSCHI, Luiz A. **O Processo Inferencial na Compreensão de Textos**. Relatório apresentado ao Cnpq. Recife, (mimeo), 1989, 160 p.

GOMES, Isaltina M. O Dizer Além do Dito: A argumentação de uma crônica. **Revista Arte Comunicação**, 1994, p. 167-181.



## **Abstract**

The present work is a partial result of the research project: "Organization and Presevation of the "Memory of Science and Technology in Campina Grande". Because this reserch is carrried through journalistic archives we will use video documentaries to present that these archives have to maintenance and preservation of the memory of a city. For such a work we capture images of the archives of "Diario da Borborema", "Jornal da Paraíba" and the periodical "A União" and conducted interviews with the responsible for the archives of the respective companies who had spoken on the current situation of these archives and on their importance, because they help the constitution and preservation of the people' memory. The documentary will also present facts the were registered only by newspaper highlighting that more than being a means of communication, newspapers are research sources and historical documents.

**Keywords:** journalistic archives, memory, city